



Jornais

SOMA **Crítica à Somaterapia de Roberto Freire** 2009

Fabio Veronesi

SOMA-IÊ como nome preciso para técnica idealizada por Roberto Freire. Em busca de criar um método terapêutico corporal que fosse completo e tivesse efeitos mais duradouros, Freire decidiu acoplar às duas principais vertentes (citadas no texto NOME 2) que definiam o seu método, um outro imenso universo de possibilidades corporais chamado "Capoeira de Angola", ao qual atribui fantásticos poderes desencorajantes. Passou a exigir de forma radical a obrigatoriedade do treino e prática da Capoeira de Angola para quem quisesse fazer sua terapia (esse assunto é tratado na crítica A obrigatoriedade da prática da Capoeira de Angola).

Diante desse novo fator entendo que acaba a necessidade da busca de um nome que bem designe a técnica de Freire porque o trabalho de melhor nomeá-la, depois do marco de união com a Capoeira de Angola, acabou sendo feito por um de seus primeiros assistentes: o somaterapeuta Rui Takeguma, que se afastou do Coletivo Brancaléone exatamente por divergências quanto à forma como os outros somaterapeutas vinham cumprindo a obrigatoriedade da prática da Capoeira, tanto com relação a seus clientes quanto a si mesmos, e, ao se dissociar, criou o termo SOMAIÊ para nomear seu trabalho a partir de então. Entendo que, independente de qualquer outra coisa, o nome SOMAIÊ é o que de forma mais precisa representa o que Freire idealizou para sua técnica terapêutica.

Havia uma situação velada que Takeguma buscava desmascarar. Por um lado, os somaterapeutas do Brancaléone não se dispunham a comunicar Roberto Freire que a obrigatoriedade da Capoeira estava sendo questionada por eles através de suas atitudes e que deveria, então, ser revista numa ampla discussão sobre o assunto. Por outro lado eles não entravam de cabeça no universo da capoeiragem e não cobravam de seus clientes que o fizesse. Na prática do Coletivo Brancaléone, tanto faz se um cliente pratica ou não capoeira durante a Somaterapia, isso não é exigido pelos somaterapeutas do Brancaléone. Na teoria e no ideal freireano, porém, essa obrigatoriedade continua. A Capoeira praticada na Soma é, de certa forma, uma capoeira "café-com-leite", não muito séria, com pouca dose de um de seus ingredientes mais fundamentais e picantes – o fato

de que ela é uma luta e não só uma brincadeira. Ela é teatro, mas a encenação é mandinga que tem fundamento, tem porquê.

Takeguma literalmente passou a bater nos outros somaterapeutas dentro das rodas de capoeira para tentar mostrar-lhes como sua capoeira era frágil e hermética. Ele se distingue dentro do Coletivo Brancaléone porque como capoeirista consegue ganhar respeito dos outros grupos de Capoeira Angola. A Capoeira não dá diplomas e o reconhecimento do trabalho de um grupo de capoeira acontece pela capacidade e competência. A capoeira da somaterapia-de-Roberto Freire não consegue se estabelecer no universo da capoeiragem, não adquire respeito dos outros grupos, permanece no hiato entre terapia e capoeira.

Por tudo isso, Takeguma decide trilhar caminho próprio, e cria o nome SOMAIÊ para designar seu trabalho e diferenciá-lo do da SOMA praticada pelo Coletivo Brancaléone. Cria também a FACA – Federação Anarquista de Capoeira Angola, que reúne os grupos de capoeira ao dele filiados. A obrigatoriedade da prática da Capoeira de Angola cria a necessidade da existência de um grupo de capoeira. Não há como ficar “em cima do muro” quanto a essa questão.

SOMAIÊ individualiza o termo genérico SOMA, acrescentando-lhe a síntese do que Roberto Freire destacou como as grandes diferenças do seu trabalho em relação a outras terapias: a ideologia libertária e a capoeira de Angola. Tanto é assim que, para poder nomear melhor seu trabalho, Freire sempre fez uso de dois complementos para o nome SOMA: “uma terapia anarquista” e “Soma-Capoeira”.

“Iê” é o grito ancestral que abre e fecha a roda da capoeira. Ele é longo na abertura: Iêêê Ele é curto e seco no fechamento: Iê !!! . Dar um “Iê” significa soltar a voz até o ponto de perder o controle sobre ela e deixar que se expresse plenamente por um instante. O som do Iê cria um momento libertário. O Iê é um ato revolucionário que tem seu sentido real e simbólico, não só no aqui-agora de uma sociedade onde a livre expressão de nosso grito é reprimida, mas também dentro de uma revolução sócio-cultural que acontece no Brasil há 400 anos, chamada Capoeira.

O entrelaçamento entre a somaterapia-de-Roberto Freire e a Capoeira de Angola foi afirmado de forma categórica e definitiva por ele mesmo, conforme demonstro melhor no próximo item. Dentro desse quadro, entendo que Takeguma soube expressar em um só nome o exato sentido do método terapêutico idealizado por Roberto Freire, porque foi ele -Takeguma – o único a realmente radicalizar a orientação deixada por Freire quanto à prática da capoeira e a prática da própria radicalidade. Hoje entendo isso com clareza, mas durante minha formação houve um momento em que me dediquei muito à Capoeira – era professor e mantinha um grupo há mais de dois anos, num projeto paralelo, bancado pela Prefeitura de Florianópolis, há cerca de um ano, vinha ensinando capoeira a crianças numa comunidade carente próxima a minha casa; também mantinha há mais de seis meses oficinas de capoeira para usuários de psicotrópicos, dentro dos CAPS

(Centro de Apoio Psicossocial da Secretaria de Saúde de Florianópolis) adulto e infantil, num projeto de extensão da UFSC (que gerou o trabalho acadêmico "A Capoeira como instrumento terapêutico para pessoas com sofrimento psíquico, usuários do serviço público de saúde", que está em anexo). O que eu pretendia fazer com esse movimento era exatamente o que nos orientava Roberto Freire: pesquisar a Capoeira, desenvolver exercícios terapêuticos a partir dela, estudar seus efeitos em crianças, suas possibilidades pedagógicas, estudar seus efeitos tanto em neuróticos como em psicóticos, suas possibilidades terapêuticas, etc. Mas, o que constatei dentro da minha formação foi que quanto mais eu me aproximava da Capoeira, mais me afastava do rumo que meus orientadores queriam. Em outras palavras, eles não davam valor ou apoio a minha iniciativa nesses projetos, pelo contrário. Ao mesmo tempo não criticavam a Capoeira abertamente, de forma direta.

Lembro de um encontro de Pedagogia Libertária no qual, ao final dos trabalhos, Takeguma propôs uma roda de capoeira. Era domingo fim-de-tarde no Rio de Janeiro, nada mais propício. Todos os somaterapeutas foram fazer outra coisa. Takeguma teceu o comentário: "Parece que esse pessoal não gosta de Capoeira". Realizou a roda sozinho, com os clientes.

No próximo encontro que houve, cerca de um mês depois, na roda de abertura do evento, Takeguma deu duas rasteiras seguidas num membro do Brancaleone. As duas aconteceram da mesma forma: essa pessoa deu um golpe bem devagar, levantando o pé como se estivesse em câmera lenta, Takeguma muito rapidamente atingiu o pé de apoio e o derrubou; reiniciaram a luta e a primeira coisa que essa pessoa fez foi a mesma "brincadeira" de câmera lenta, Takeguma deu-lhe outra rasteira.

Na reunião do Coletivo que houve no dia seguinte, esse fato gerou enorme polêmica interna no Brancaleone e foi o estopim da bomba que culminou na saída/secessão de Takeguma. Antes da reunião se iniciar, Roberto Freire disse que não iria dela participar, declarando sua saída definitiva do Brancaleone. Embora o fato (as rasteiras seguidas) tenha sido apenas bode expiatório de uma crise bem maior que culminou não só com a saída de Takeguma como na do próprio Freire, ele é completamente significativo dessa crise e a retrata perfeitamente. Hoje, analisando aquele jogo, percebo que o golpe em câmera lenta sem o devido cuidado de se safar rapidamente caso realmente ocorresse uma rasteira era típico da ingenuidade dos capoeiristas da Soma. A Capoeira é, antes de mais nada, um jogo, uma luta. Se alguém se expõe excessivamente, está chamando um ataque para si e, portanto, deve saber o que fazer com ele quando ele acontecer, já que foi o próprio capoeira que o chamou. Aí é que está o equilíbrio: o capoeirista experiente se abre, planta uma bananeira, faz movimentos em câmera lenta, finge que se distrai, etc., mas faz isso como forma de armadilha, se vem o ataque, ele se aproveita de já o estar esperando e se antecipa no contragolpe. Por isso também que não é

costume se atacar uma capoeirista que se abre – trata-se de uma armadilha, mas tem que bancar esse “blefe” – se o capoeira se abriu demasiado, no mínimo precisa ter a capacidade de se fechar rapidamente caso precise se defender de um golpe súbito. Caso contrário ele está “tirando um sarro” da própria Capoeira e há de aparecer um capoeirista que lhe mostre o respeito a essa arte.

Há um equilíbrio muito sutil entre ataque e defesa, encolhimento, abertura, exposição, disfarce. Muitas vezes no jogo lento da Capoeira Angola há possibilidade de ataque súbito que não acontece porque o outro se fecha como quem sabe do perigo que corre, desarmando a surpresa. O jogo segue, os capoeiristas seguem atentos a essa comunicação, mesmo que um não acerte o outro, eles mostram que podem fazê-lo e o outro mostra que poderia ter se defendido e contratado e, no momento preciso, alguém solta o golpe e pega o outro desprevenido, aberto. O que Takeguma fez foi dar o golpe logo no princípio do jogo. O outro repetiu o desafio, ele repetiu o golpe. Nada mais preciso dentro da Capoeira.

Hoje percebo o que dizia Takeguma, mas na época estava muito envolvido com minha formação, com o pontual, queria fugir da dúvida e isso significava fugir da Capoeira, aos poucos fui deixando de colocar energia nisso, a tal ponto que o grupo de Capoeira da Soma em Florianópolis acabou. Quando percebi que isso não modificou em nada a dinâmica do grupo sob a responsabilidade do somaterapeuta que me dava formação, tive a certeza de que estava perdendo tempo me dedicando tanto a capoeira.

Hoje, olhando de fora, percebo que o momento da saída de Roberto Freire do Coletivo Brancaleone, que vinha se dando aos poucos já havia uns três anos, estava concretizando-se e que isso escancarava de vez as diferenças quanto a prática da Capoeira que os somaterapeutas vinham tendo em seus grupos.

Dentro do quadro formado no rigor da técnica idealizada por Roberto Freire está a SOMAIÊ.

Fora desse quadro está a crítica aberta a essa obrigatoriedade.

Na moldura estão os que fazem essa crítica de forma velada ou inconsciente.